ANO 7.º — Sexta-feira, 10 de Julho de 1914 — NUMERO 330

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Triste espetaculo

Triunfar!

Tudo se resume nesta palavra.

Nela está a origem dos sucessivos desastres; das ridiculas bravatas; das quixotescas atitudes que o evolucionismo dia a dia nos oferece, envolvendo e estreitando a todo um sudario de desorientação politica um homem que pretende tomar sobre os hombros o pesado encargo de dirigir e governar o país.

Todos os dias surgem grâves, gravissimas questões, denunciadoras de não menos grâves crimes administrativos e politicos.

Sem o mais leve rebuço, a mais pequena preocupação, se escrevem e espalham pelo país as mais pesados adjetivos, apontando factos profundamente criminosos, moralmente repugnantes—como se sobre a sua verdadeira existencia e consumação não podésse haver duvidas.

Seguem-se terriveis ilações, e com uma convicção que aterra, que apavora os espiritos que tenham a ingenuidade de acredita-los, chegam as medonhas conclusões de que o país está a saque, de que não ha dignidade, moralidade, sombra de patriotismo.

Corre o mais fantastico e inverosimil boato, venha ele donde vier, logo se aproveita para, da penna dos que, pela sua posição, talento e responsabilidades, nunca a ele deveriam dar curso, sairem as mais grâves e aterradoras apreciações, aceitando como moeda corrente quanto a engenhosa fantasia dos inimigos do regimen pensam, inventam e escrevem.

Noutro logar tratamos do que, quando tudo parecia indicar um periodo de relativa tranquilidade, deu origem ás mais doentias e perigosas afirmações do partido evolucionista pela penna do sr. Antonio José de Almeida, chefe desse partido, que chegou até a ameaçar que provocararia a guerra civil se não fosse desmentido, em 24 horas, pelo sr. presidente do ministério, um *boato* que, a ser verdadeiro, não valeria metade do barulho quanto mais uma revolução!

O sr. Antonio José de Almeida, com mágua o dizemos, tendo sido um homem de ideias, de brio, duro como uma pedra a dentro do seu Ideal, hoje está mudada essa atitude porque se encontra num campo ingrato, longe dos seus companheiros de tantos anos de luta em tão amarguradas horas, vendo-os como inimigos perigosos para o regimen quando afinal quem o está comprometendo é o chefe evolucionista com as suas arremetidas e criminosas palavras contra o principio porque tanto batalhou.

Mas—dirá o sr. Antonio José de Almeida—é preciso triunfar!

Comprometo as instituições, ponho em jogo a propria autonomia do meu país, faço crêr *lá fóra*, com o fel da minha penna, a existencia de factos que são méras atoardas, empresto aos jornaes monarquicos o veneno da minha prosa, *verdadeira, porque é republicana*, abro campo e dou o exemplo para que tal imprensa despeje os mais baixos doestos, infamias e agravos sobre aqueles que não se contentaram sómente com a palavra Republica, mas que tornaram essa palavra numa realidade e que cada vez mais a pretendem realisar? Nada de vacilar, nada de recuar; o que é preciso, muito preciso atravez de tudo, encharcado em lama ou apontado como criminoso—é triunfar!

Chamâmos aos outros tiranos, despotas, ferozes? E' preciso suprimir o prestigio, aniquilar o talento, calar o verbo, emudecer a Verdade? Poderemos com essa tarefa fazer reviver o prestigio para a monarquia derrubada a golpes profundos de verdade e de historia e abrir as guélas da reacção apontando o confronto? O que tem se de tudo isso póde resultar o triunfo?

Triunfar, é quanto basta.

O que será de horrorosa uma guerra fratricida!

O que não terá ela de cruciante, de pavoroso:—irmãos matando-se, paes atirando sobre filhos, cabeças fendidas pelos sabres, peitos atravessados pelas balas, casas violadas, mulheres ofendidas, assassinatos de embuscada, incendios, sangue, luto, lagrimas? Mas que tem isso se de tal depende o triunfo?!

Préguemos, pois, a guerra; preparemo-la porque ela será preferivel á derrota, quando tudo aconselha o triunfo!

Terei de passear, como Bonaparte, o cadaver sangrento da Republica, de chicote na mão, de pé sobre o carro da ignominia que tomarei pelo do triunfo, ladeado por os Celoricos qua me empurram e levam nesta quéda de fatal ridiculo?

Não, não, sr. Antonio José de Almeida, tal não acontecerá.

Dentro em pouco um desenlace imponente e estrondoso porá termo á triste e permanente exibição que um partido e um chefe, de mãos dadas, numa vertigem louca e profundamente burlesca, ha tempos interrompe e agita a nação que procura no progresso, na ordem e no trabalho, a conquista definitiva da sua grandeza e do seu futuro.

Para que finalise a comedia; para que terminem tantas loucuras.

Presidente da Republica

Completou na quarta-feira 74 anos o venerando Chefe do Estado, sr. dr. Manuel de Arriaga, que nesse dia recebeu inumeros cumprimentos dirigidos de todos os pontos do país.

O preito das nossas homenagens e saudações, tambem, ao primeiro magistrado representante de Portugal republicano.

MINISTRO DO FOMENTO

—(*)—

Acompanhado dum dos seus secretarios, do deputado Amorim de Carvalho, do jornalista portuense Bartolomeu Severino, director da *Montanha* e doutros cavalheiros cujos nomes nos não ocorrem neste momento, esteve na segunda-feira nesta cidade o sr. Almeida Lima, ministro do Fomento.

Sua ex.ª, que chegou no comboio do Vale do Vouga, á tarde, vindo das principaes localidades das regiões do Douro e Beira Alta, apenas se demorou duas horas entre nós aproveitando-as para visitar o Muzeu Regional de que colheu as melhores impressões transmitindo-as, com palavras de elogio pela obra realisada, ao director désta folha, com quem se avistou.

Logo a seguir o sr. Almeida Lima dirigiu-se á estação do caminho de ferro, embarcando no *rapido* para Lisboa a dar conta ao govêrno das reclamações a que deu ensejo a crise que avassala os povos do norte.

Cunha e Costa

. . . .

"Ele é anão, miope da alma e do corpo, magro como a burra do Palito Metrico, já deitou sangue pela boca e tem horror ao cheiro da polvora.

Pessimo filho, neto detestavel e irmão inutil, seria ainda peor soldado. Farás e farão os teus colégas um relevante serviço á Patria, dispensando do serviço militar o poltrão que, por dever paterno, tenho o desgosto de te recomendar."

(*Palavras de Elmano da Cunha, pae do emerito charlatão politico, a um membro da Junta Militar de inspecção.*)

Ha quantos anos isto lá vai! E contudo Cunha e Costa revelava já o que é, a ponto do proprio pae, enojado, traçar essas poucas linhas que aí ficam a definir o tipo mais repugnante que o sol cobre e na terra existe com a especialissima missão de corromper, pelo contacto, celebrisando-se pela incoerencia e por uma vida tão cheia de miserias, tão suja, tão hedionda, que de nojo, tambem, nem sabemos como conta-la.

Farás e farão os teus colégas um relevante serviço á Patria dispensando do serviço militar o poltrão que, por dever paterno, tenho o desgosto de te recomendar!

Eis tudo. E, com franquêsa, não é preciso mais para imprimir caracter ao novo subdito de D. Manuel, que os republicanos escorraçaram por indigno e... mais alguma coisa...

Films . . .

João Franco

Quando viajava em automovel foi preso num dos dias da semana finda o celebre ditador, mas logo restituido á liberdade por se reconhecer a falsidade da denuncia que motivou a detenção. O melhor do caso, porém, é que o administrador do Fundão partiu para o Alcaide afim de apresentar a João Franco desculpas, em nome do govêrno, pelo incidente passado com as autoridades de Penamacor.

Cordeal até aqui.

Figuras...

Lemos num dos orgãos da Falperra de manto e corôa, que a Casa da Imaculada Conceição (*sic*) cujo proprietario é um *monarquico destemido* (!) segundo o mesmo, vem de lançar no mercado uns postaes com a véra efigie do sr. José de Arruela, sobre fundo azul e branco, e que outros vão ser editados da mesma naturêsa.

Aí, *monarquico destemido!* Pinta-os que a Imaculada te dará o *arroz*...

Uma lição

Unha e Gosta, descreteando na *Soberania do Povo* sobre a função, no atual momento, do jornalista monarquico, diz que a ele compéte, antes de mais nada, defender *a Religião*, a *Patria* e o *Rei*.

Aprende rapaz, que destes professores não ha em Coimbra. Toma sentido e não te façás tôlo...

Se queres continuar a receber a jorna...

O mêdo

Muito receiosa anda a gente da *Soberania*, de Agueda, porque a *formiga* a ameaça prometendo-lhe, para bréve, a paga da sua campanha contra as instituições.

Rebate de consciencia. Mas não se assuste a *Soberania*, nem o Azevedo, nem o *Almeidinha dos Oculos*, que, *se Deus quizer*, não hade ser nada.

A restauração está á porta...

Homem ao mar

Não fez a coisa por menos o *Camalcão*, que, agarrando em peso no sr. Antonio José de Almeida, lhe aniquilou a existencia, chapando-o ao mar...

Um horror! Está o evolucionismo de luto. O *Camaleão* matou-lhe o chefe. O *Camaleão*, que meses antes da proclamação da Republica bradava *a toda a força do seu entusiasmo e das suas convicções*, vivas a el-rei, conta assim mais um crime... Matou!... E ainda por cima se finge indignado porque a vitima não fôra relegada ao tribunal competente...

Haverá pulhas maiores do que esses *democraticos* de pechisbeque? Haverá em alguma parte cinicos que a estes se igualem em atrevimento? Que direito, que autoridade possue o *Camaleão* para se intrometer nas questões dos republicanos?

Respondam os sabios da Natura, unicos que pódem classificar o criterio de semelhantes bestas.

A quem ele o diz

Ele é o *Unha e Gosta*, que, na gazeta assucarada do ex-consul de Banana, atira désta maneira:

. . . .

«O sr. Afonso Costa nunca passou dum homem inteligente sem senso comum, pretendendo suprir por um atrevimento sem limites as qualidades que na lucta pela vida asseguram o triunfo, mas devagar. A sua cultura geral é hoje menos que mediocre. Não só desconhece os grandes prosadores e poetas estrangeiros, mas quasi totalmente ignora os grandes poetas e prosadores nacionaes. Daí lhe vem em parte o nulo contacto com a alma portuguêsa. Não ha na politica nacional quem mais ande divorciado do caracter, lendas, costumes e tradições da nossa terra.»

O desplante com que isto se escreve! No entretanto o *Unha* sente-se feliz. E' que julga por si os que ao farçola se não comparam por coisa nenhuma.

Aos nossos assinantes de S. Thomé

a quem enviámos á cobrança os recibos de *O Democrata* pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazerem logo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.

POVO MONARQUICO

Dum artigo do ex-consul de Banana, assim intitulado:

«A esse, o logar de honra!

Não é aquele povo dos comicios e dos centros, de facil republicanismo deante duma Monarquia cuja tolerancia exagerada se fez mortal franquêsa, não é aquele povo cujo *sacrificio* se limitava a escutar os seus *idolos* e a acompanhar com aplauso inconsciente os trovadores dos logares comuns e as enxurradas dos desconchavos politicos, das baboseiras economicas, ou das heresias religiosas.

Não! *Povo monarquico*, tem sido o que se bate e o que sofre, o que nunca chorou de arrependimento ainda quando, no recontro duma adversidade teimosa, tenha de raiva chorado.

Povo monarquico são hoje milhões de creaturas por essas bemditas terras de Portugal e que um forte espirito de solidariedade juntou—e não o ha mais forte do que aquela que na Dôr mergulha as suas raizes profundas.

Povo monarquico é o que, mais tarde, salvará Portugal da ruína e fará tremular ao vento, um dia, as côres amadas, a do azul do mar imenso, a das brancas nuvens do céu infinito, enquanto tangerem alegremente nos campanarios, por esse país fóra, os hinos festivos da Liberdade—jubilosa aleluia em todos os espiritos com a unisona pulsação de todos os corações!»

Não digas mais. Nós conhecemo-lo. E tão bem, que não duvidâmos apostar, dobrado contra singelo, como no dia da *jubilosa aleluia* nem um só dos representantes desse povo se quedaria a ouvir *tanger alegremente nos campanarios, os hinos festivos da Liberdade*!...

Ou ele não tivésse recebido do seu *muito amado* rei aquele grande exemplo de *coragem* de que a historia nos fala a respeito de D. João VI...

O *Povo monarquico*!!!

Registando

—(*)—

Ainda a proposito da prisão do ex-ditador, que deu logar a colunas de estafada retorica protestante contra o acto por parte de várias folhas de... couve que querem e exigem muita liberdade, a maxima liberdade, para melhor a poderem apunhalar, um diário lisbonense, pela penna dum dos seus redactores que foi ouvir da bôca do proprio ex-presidente do conselho de ministros de D. Carlos as suas queixas, diz-nos o seguinte, que é demasiadamente elucidativo como demonstração bastante de que os dois—rei e ministro—estavam conscientes em absoluto até onde chegavam as violencias e as ilegalidades por eles praticadas, tal qual dois cumplices que traçam, estudam e executam um crime.

Reproduzimos, pois, os periodos mais importantes da entrevista com João Franco, de execranda memoria:

Não tenho a menor tentação de voltar á politica. Ainda que a tivésse não o podia fazer. Ao meu lado morreram o Senhor D. Carlos e o Senhor D. Luís Filipe!... (E num transe de sofrimento, de dolorosa angustia)—El-Rei, emfim, era consciente nos perigos a que se expunha. Caminhou resolutamente para a morte, era solidario com a minha orientação, era um homem, era o Rei. Mas o Principe, o pobre Principe Real, o grande Principe D. Luís Filipe?! Tambem Ele, ainda Ele? Ah! O Principe não ha momento que o não veja. E' o meu querido espectro!... Eu morri para a politica. Estou no outro mundo, a velar os cadaveres de dois Reis. Ir para a politica era deixa-los ficar, faltar ao que lhes devo!... Morremos os tres!... E sobre alguns segundos de silencio, o sr. conselheiro João Franco acrescentou: *Quando alguem, no seu regresso a Portugal, lhe perguntar por mim, peço-lhe mesmo que torne publicas estas minhas declarações. Aqui tem as rasões porque renunciei*...

E mais adiante, atribuindo-a a um secretário de um dos ministros do gabinete franquista, insere o jornal a seguinte curiosa declaração:

«Quando o João Franco voltou a Portugal, depois do regicidio, eu fui visita-lo. Ele comigo abriu-se sempre muito. Deante de outros amigos tinem em não falar de politica. Mas assim que ficâmos sós, foi o primeiro a falar-me do passado. E, lamentando ele tão grandes perdas, terminou assim: *Se eu morresse, El-Rei abdicava; se morresse El-Rei, retirava-me eu da politica.* Isto sem o juramento que unia as duas grandes figuras désta época, e que para sempre separa o João Franco da vida politica.»

Assim o tenham entendido...

Transcrição

O nosso colêga, *Povo de Porto de Moz*, honrou-nos, transcrevendo do *Democrata* o artigo—*A restauração*.

Agradecemos.

O BRAZIL DE HOJE

Fome, Miseria & C.ª

A tragedia da fome

Consequencias da falta de pagamentos por parte do govêrno ---Um soldado que enlouquece --- Cinco creanças doentes. A ruina de um lar

Ainda com vista a um jornalista brazileiro residente em Lisboa

(Carta especial para o *Democrata*)

Já aqui dissémos, e com fundados motivos, que o correspondente, em Lisboa, do *Correio da Manhã*, do Rio, não é homem para luctas, nem mesmo quando aguilhoado por aquêles que todo o interesse teem de o vêr, como um ridiculo D. Quixote de fancaria, armado até aos dentes para destruir as **infamias** pela imprensa luzitana propaladas contra o Brazil, contra este país *amigo* onde toda a gente vive á farta, como verdadeiros nababos, longe da fóme e da miséria, da mendicidade e da devassidão...

Esse homúnculo, cobarde porque não tem a coragem precisa para, a golpes de argumentos seguros, inconfundiveis, fulminar, logo ao primeiro assalto, todos os nossos ataques, violentos mas justos, faz-se repositorio constante das maiores torpêsas contra a terra que fidalgamente o hospéda e, quando desafiado a provar, com factos convincentes, essas torpêsas sem nome, limita-se miseravelmente a encolher os hombros, o que só é proprio de garotos das ruas, de criaturas sem caracter e sem pundunor.

E' isto o que sempre tem feito o sr. Candido de Castro, éssa criatura amulatada que só sabe encher tiras de papel para atacar a Republica Portuguêsa e os seus estadistas, cuja magnanimidade chega ao ponto de acolher mesmo os que a adulam para, em momentos azados, lhe cravarem o punhal traiçoeiro da insidia e da infamia.

Mas não importa; o mel da leviandade azeda-se com o tempo. Por isso, pois, o atrevido correspondente do *Correio da Manhã* póde continuar, como até aqui, com as suas aleivosias sem nome, com os seus ataques apalermados á gigantesca obra de administração republicana; póde mesmo, de acordo com o *Dia* e a *Nação*, insultar os que a defendem em todos os campos, para não deixar de ser *persona grata* dos que o incitam a *tudo dizer* e até a fazer da dignidade propria um réles esfregão de cosinha, acessivel aos caprichos pulhotucratas de uns e aos inconfessaveis interesses de outros.

E' que o silencio, nestes casos, é o unico refugio dos malandros como o sr. Candido de Castro...

Dos malandros e dos cobardes.

* * *

Mas vamos ao caso. O Brazil, patria desse patetinha das duzias que reside em Lisboa para insultar Portugal e os seus filhos mais ilustres, é, hoje, um país onde toda a gente... nada em ouro.

A fome—é uma mentira; **os sem trabalho**—uma farça.

Aqui, neste colosso americano, a fartura é um facto que ninguem ousa contestar... Todavia a todo o passo se depara com quadros que nos enchem a alma de tristeza e de dôr, que nos comovem e revoltam.

A imprensa de todas as facções politicas não nega esta tristissima verdade. E não é só por aqui que a miseria se alastra. Não. Em Manáus como no Pará éla tambem existe e, a avaliar pelo que acabamos de lêr no jornal *A Imprensa*, do Pará, nem os proprios funcionarios públicos escapam a esta melindrosa hécatombe que ameaça atirar para a maior das miserias familias inteiras, mesmo as subsidiadas pelos cofres da nação.

E para que o sr. Candido de Castro, o insolente porta-vós da talassaria brazileira e portuguêsa, não nos acuse de *injustos*, aí vai, na integra, o que, com o sujestivo titulo—*A tragedia da fome*—publicou o referido diário paraense.

Vai, pois, com vista ao correspondente do *Correio da Manhã*, em Lisboa, e, sobretudo, aos que ainda julgam o Brazil de hoje um verdadeiro seio de Abrahão:

«Uma historia profundamente triste e capaz de emocionar os corações mais frios e empedernidos, é a que vamos narrar aos nossos leitores com a fidelidade com que nos foi transmitida por uma testemunha ocular e insuspeita, visinha do pobre lar em que éla se desenrolou.

O cabo do esquadrão de cavalaria, João de tal Castro, vivia feliz e tranquilo com a mulher e os filhos, seis pequenas creanças vivazes e traquinas que eram todo o enlevo do seu coração de pae. Para o seu espirito de homem simples, sem aspirações, toda a sua felicidade e toda a sua vida se resumiam na alegria dos seus filhos, no amor de sua companheira leal de existencia. Sob as telhas do seu lar, de volta do quartel, ele não sabia o que eram tristezas e desgostos. Os filhos gozavam saúde, a mulher era trabalhadora e amante. O pouco que ganhava ia dando para o pão da familia, chegava, bem medidas as despezas, para que nunca a fome lhe viésse bater á porta, fazendo chorar os pirralhos e amargurar o seu coração amoroso.

Eis, porém, que ha muitos mezes passados, o pobre miliciano chega á casa sem ter recebido o seu soldo.

O govêrno, a braços com dificuldades financeiras, não tivéra dinheiro para satisfazer o pagamento da tropa.

Pela primeira vez se nubla de tristeza o semblante sempre alegre do soldado. Não podéra trazer aos filhos que o esperavam, contentes, á porta, as pequenas gulozeimas com que costumava mimal-os no dia do recebimento do seu soldo. Por outro lado, o seu espirito penetrava no futuro e interrogava apreensivo, cheio de incertezas: e se o govêrno não me puder pagar tão cedo?

Mas logo reagiu contra o pensamento sombrio, que o incomodava, e enchendo-se de esperanças, num gesto de quem procura afastar para longe dos olhos um quadro triste, foi comer o jantar, acariciando meigamente os filhos, beijando-os muito, como se com beijos lhes quizesse dar o que não podéra dar em gulozeimas.

Chegou o outro mez e o govêrno de novo deixou de pagar. Era a esperança que se desfazia, era o espectro sinistro da miseria que, como um sonho mau, como um pezadelo horrivel vinha perturbar a felicidade da familia do pobre João de Castro, vinha encher de pavores e de sombras o seu espirito fraco e de angustias dolorosas o seu coração sensivel. E o pobre cabo entrou de ficar triste e taciturno. Nunca mais lhe raiou na fisionomia a claridade de um sorriso. Ia para o esquadrão numa tristeza passiva de escravo e de lá voltava carregando no olhar vago e na bôca inexpressiva a mesma tristeza invencivel. Se os filhos se lhe achegavam, desconfiados, afastava-os num gesto brando, sem olhal-os, como num receio de achar neles qualquer coisa de estranho e que não quizésse vêr. Se a mulher vinha e procurava alegral-o, sorria, num sorriso tão triste como se fosse o disfarce de um soluço que lhe morresse no fundo do peito, e que tivésse vergonha de consentir que lhe chegasse á bôca.

E os mezes foram passando sem que o govêrno mandasse pagar á força publica. E como consequencia, segundo previra o pobre cabo numa obcessão alucinante, filha da sua sensibilidade doentia, a fome com todo o seu cortejo de miserias foi penetrando no seu lar e destruindo pouco a pouco a sua tranquilidade, a sua alegria, a sua rustica mas doce e completa felicidade de outr'ora. Primeiro, os filhos foram ficando sem roupa. Os mais pequenos entraram de andar nús, o corpinho magro a mostrar os primeiros indicios da miseria. A mulher, companheira dedicada e activa, a trabalhar dia e noite, sem descanço, como trabalha a mulher do povo, na falta do marido, agora andava suja e quasi maltrapilha. A's vezes vinha-lhe um movimento de revolta, e mais corajosa do que o marido, sugeria: porque não deixas éssa farda? E ele desanimado, respondia: para quê se não ha trabalho noutra parte?!

O taberneiro, fiado no soldo e com receio de perder o que já adiantara, continuava a fornecer o *jaba* estragado e o feijão *furado*. Era, ainda assim, a salvação! No dia em que ele suspendesse o fornecimento estava tudo perdido. E foi o que se deu. Farto de esperar, sem confiança mais nas promessas do govêrno, o mercieiro, tambem em dificuldades para continuar o seu credito no armazem, viu-se forçado a suspender a conta: tenha paciencia, *sôr* cabo, mas não é *possibel*. O *goberno* que não paga um mez, seis é que não paga. Com tal *goberno* não *bae* nada!

O soldado ficou mudo. Prostara-o a rudeza eloquente do português. E mais ainda, qual o rapido clarão de um relampago que lhe atravessasse o cérebro, a realidade tremenda da sua situação.

Daí por diante, não ha tintas para pintar o quadro do interior, profundamente contristador, em que se transformou a casa de João de Castro, arruinada pela miseria. O fogão nunca mais se acendera. Os filhos, esqualidos, rotos, famintos e doentes. A mulher, sem poder trabalhar por causa da molestia dos filhos, a quem precisava tratar, teve necessidade de implorar a caridade dos visinhos para não os deixar morrer de fome.

Ele, desfalcado o esquadrão com a saída dos camaradas que não estavam dispostos a esperar que o govêrno lhes quizésse pagar, dobrava agora no serviço muitas vezes, e quando ficava em casa era para, sentado a um caato, cada dia mais taciturno e mais triste,—os olhos imoveis, engolfar-se, horas e horas esquecidas, na sua imensa dôr silenciosa. Nunca mais riu. Tambem não chorava. E quando, ha poucos dias a mulher, admirada, o foi encontrar a afagar o *cassulo*, rindo talvez do seu corpinho, só ossos sob a pele, ficou espavorida diante do seu olhar cheio de furia e de ameaça: João de Castro enlouquecera.»

Depois disto, deste quadro em tudo lugubre, como se vê, achamos conveniente nada mais dizer por agora, pois receiamos que o sr. Candido de Castro nos acuse dos mesmos actos que, na sua ultima correspondencia para o *Correio da Manhã*, imputou ao dr. Joaquim Madureira por causa deste valente jornalista estar escrevendo verdades no diário do sr. Machado Santos contra o Brazil.

O que aí fica, da *Imprensa*, do Pará, é bem demonstrativo; isto é: —prova que o Brazil, presentemente, não carece de braços, mas sim de pão.

De pão e de dinheiro.

J. Fernandes Tavares

João Pedro Gomes Amador

Com subido prazer recebemos no sabado findo a visita dum dos melhores amigos do *Democrata*, como por diferentes vezes lho tem demonstrado, sr. João Pedro Gomes Amador.

Devemos dizer que foi a primeira vez que falámos, que vimos tão distinto cavalheiro cujo nome, todavía, conheciamos não só por ser assinante antigo deste jornal, mas tambem pelas demonstrações de solidariedade que dele temos recebido e se acham, como tantas outras, bem gravadas no fundo do nosso coração.

O sr. João Pedro Gomes Amador é natural das Ribas donde se ausentou ha bastantes anos, fixando residencia no Pará. Inteligente e muito trabalhador, exclusivamente a si deve a situação em que hoje se encontra, de relativo conforto, o que para nós, e decérto para todos quantos lhe são caros, é motivo de jubilo, pois sempre nos congratulâmos com aqueles que, pelo proprio esforço, conseguem destacar-se honrando o seu país.

Com o nosso reconhecimento pela inesperada visita do sr. Gomes Amador, o desejo de que entre nós se demore para satisfação de sua respeitavel familia e amigos.

A' despedida

Numa das ultimas sessões parlamentares de encerramento, quando o deputado Pedro Martins, tão fogoso republicano evolucionista hoje, como fogoso monarquico fôra até 5 de Outubro, punha em duvida os principios republicanos de Alexandre Braga (!!!) perguntando, como argumento justificativo das suas palavras, onde estava o tribuno nas horas da revolução, uma voz, nas bancadas dos Celoricos exclamou—*nalguma taberna!*

Esta miseravel exclamação que mais deprime quem a proferiu do que aquele que se pretendeu atingir, colocando abaixo de toda a critica o seu autor, mereceu, comtudo, especial referencia á gazeta evolucionista que aqui te publíca e que por tal facto bateu as palmas.

De fórma que um cidadão passa ai por qualquer parte e se um reles garotóla lhe atira uma pedra, como não temos relações com o ofendido, aplaudimos o garoto!...

Novas teorias monarquico-republicanas de agora...

J. M.

Agradecimentos pelos seus curiosos informes que são uma verdadeira preciosidade para a historia dos carrapatos da Vera-Cruz. Tanto não sabiamos nós. Julgávamos até que fosse *blague* tudo quanto em tempo se disse ácêrca do caso referido. Vêmos, porém, que não é. Obrigados, obrigados. Ficou mais aumentado o nosso *dossier*, que aborrota já com tanta miseria desses *inclitos republicanos democraticos.*

Politica... eleiçoeira

—=(*)=—

Constituiu esta semana o assunto de todas as conversações, dando logar aos boatos mais inverosimeis, os trechos que vamos reproduzir dos jornaes onde tivéram publicidade.

En-tête da *Republica*, orgão oficial do partido evolucionista, em 6 do corrente, encimado—*Viva a Republica:*

«*Se o sr. Presidente do Ministério não desmentir, dentro de vinte e quatro horas, a contar da publicação destas linhas, a noticia infamante que tem corrido sem embargos de que, combinado com Afonso Costa, ofereceu ao partido unionista 40 deputados em troca da aprovação da lei eleitoral expressamente feita para aniquilar o partido evolucionista*—**este declara que incitará o país a pegar em armas, se tanto fôr preciso, para impedir que a Republica se afunde na mesma onda de corrução vil e degradante que em 5 de outubro sufucou a monarquia.**»

Da *Capital*, orgão oficioso do govêrno, em *nota politica*:

«Sobre o assunto, consta-nos que o sr. presidente do ministério sentiu muito que o sr. Antonio José de Almeida se lhe dirigisse em termos que impedem de lhe dar uma explicação satisfatoria, que s. ex.ª estimaria dar pela consideração que deve áquele vulto politico.

Consta-nos tambem que o sr. presidente do ministério espera que o sr. dr. Antonio José de Almeida, com a clara consciencia das suas responsabilidades dentro da Republica, faça justiça á lealdade do procedimento do govêrno e não insista nas ameaças de perturbação da ordem publica.»

Outra vez do orgão evolucionista, a 7, em toda a largura da primeira pagina e com o titulo—*Pela Republica honrada e pura:*

«A Capital, *orgão do sr. presidente do ministério, não desmente no seu numero de ontem a monstruosa proposta feita por aquele homem publico ao partido unionista com o fim de guilhotinar o Partido Evolucionista. Com subterfugios improprios de um homem publico, o sr. Bernardino Machado procura encobrir a sua fuga, dizendo que o* leader *evolucionista se lhe dirigiu em termos ilegais e altaneiros. Ele não desmente porque não póde. Ele não desmente porque o seu crime está a descoberto. Ele não desmente porque verga ao peso esmagador de uma proposta repugnante.*

Pois seja. A agua morna evolucionista vai subir á temperatura de cachão para tirar a pele a todos os que negoceiam com a consciencia escravisada desta terra infeliz. Nem uma hora de treguas, nem um minuto sequer de benevolencia ou perdão.

Sua alma, sua palma!

Carta do sr. presidente do ministério publicada na *Capital* do dia 7, á noite, depois de ter expirado o praso da vinda da revolução para a rua, sem que tal acontecesse:

Ex.^mo^ *sr. dr. Antonio José de Almeida:—Tendo já decorrido as 24 horas de constrangimento a que v. ex.ª me forçou, inhibindo-me de aceder de pronto aos seus desejos apresso-me agora a dar-lhe a explicação com que me é deveras grato tributar-lhe a minha inalteravel deferencia. O boato a que v. ex.ª se refere, quando mesmo não tivésse sido lançado por um jornal reaccionario suspeito, devia ser recebido por v. ex.ª com todas as reservas que os escrupulos da sua consciencia de homem de bem lhe impõem. Nunca me associei na minha vida a odios nem a cabalas contra ninguem. Julgo-me mesmo no direito de pensar que melhor do que ninguem v. ex.ª depois dos anos de camaradagem que tivémos, o sabe. O que se passou foi isto: esforçando-me por um acordo na votação da lei eleitoral, de modo a vincular-lhe a solidariedade de todos os partidos, obtive dos seus chefes, entre eles v. ex.ª, a designação de delegados seus para prepararem esse entendimento. A divergencia principal estava na proporção da minoria, se de 1 para 2 ou de 1 para 3. Sobre este ponto, numa reunião dos delegados, em que o unionista representava tambem o evolucionista, o partido democratico formulou uma nova proposta, com vários circulos na proporção eletiva de 1 de minoria para 2 de maioria, proposta no seu entender conciliadora mas que não foi adotada. E querendo eu mesmo averiguar dos seus autores qual resultado prático que sería a prova efectiva do espirito de conciliação dessa formula, foi-me assegurado que dentro dela, segundo todas as previsões, a minoria fosse da direita ou da esquerda democratica ou conservadora, encontraria uma solução superior ao terço reclamado, tornando-se mesmo provavel, caso essa minoria se dividisse, que o agrupamento melhor apercebido para a luta eleitoral pudésse vingar de per si só mais de 40 deputados, está claro, tendo direito a eles pela força dos seus proprios eleitores. Desta interpretação dada assim pela esquerda á sua proposta de lei eleitoral, fiz scicnte o sr. Brito Camacho, que se não conformou. E por isso, não cheguei a comunica-la tambem a v. ex.ª, como tencionava.*

Tenho a honra de me confessar

D. v. ex.ª

Admirador dedicado

Bernardino Machado

Nova tirada da *Republica*, de 8, com o titulo de—*O caso imoral dos 40 deputados:*

«*Considerando que a carta do sr. dr. Bernardino Machado, hoje publicada no jornal* A Capital, *nada explica nem esclarece ácêrca da acusação feita ao sr. Presidente do ministério de ser medianeiro de um acôrdo eleitoral proposto pelo partido democrático ao partido unionista;*

Considerando que éssa carta, nos termos em que se acha escrita, briga com informações autorizadas de muitos e categorizados membros do partido unionista, de cuja palavra a ninguem é licito duvidar:

A Junta Central, os parlamentares e as juntas distrital, municipal e paroquiais da Partido Republicano Evolucionista, sem em nada modificarem a atitude até agora adoptada, aguardam os esclarecimentos que o sr. dr. Brito Camacho entenda dever dar sobre o assunto, e resolvem reunir de novo ámanhã para apreciarem a situação política.»

(Moção votada por aclamação, ontem, em reunião conjunta da Junta Central, parlamentares e Juntas distrital e paroquiais de Lisboa).

São hoje 10. O socego é completo e o sr. Camacho, *mudo e quedo como um penedo*, não dá acordo de si.

Vai alta a lua...

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

A' sessão do ultimo sabado da comissão executiva, presidida pela dr. Marques da Costa, estivéram presentes os vogaes, Arnaldo Ribeiro, secretario, dr. Samuel Maia e dr. Eugenio Sampaio Duarte.

Aprovada a acta da sessão anterior e tomado que foi conhecimento da correspondencia e do balancête do tesoureiro, acusando em cofre a quantia de 159$09, deu o seu parecer, aprovando tambem, os orçamentos ordinarios para o ano economico de 1913-1914, da irmandade do Santissimo Sacramento, da freguezia da Vera-Cruz, concelho de Aveiro e de N. S. do Rosario da vila e concelho de Ovar e as contas das seguintes irmandades: de N. S. do Rosario, da freguezia de S. João de Ver, do Santissimo Sacramento, de N. S. da Piedade, da Vila da Feira e de S. Antonio, da freguezia de Rio Meão, todos do concelho da Feira.

Por fim distribuiram-se para julgamento vários processos de contas e autorisaram-se pagamentos na importancia de 504$17.

O medico José Soares mudou a sua residencia para a rua do Carmo, n.º 20, junto do quartel de Cavallaria 8.

PELO TRIBUNAL

Foi agora tornada definitiva, em virtude do despacho de pronuncia lavrado pelo meritissimo juiz da comarca, sr. dr. Gama Regalão, a fiança imposta aos empregados do govêrno civil e agentes de passaportes, que se acham processados devido a uma sindicancia o ano passado efectuada pelo atual chefe do distrito, sr. dr. Augusto Gil, a esse tempo comissario geral da policia de repressão da emigração clandestina.

"Correio da Feira,,

Vem de completar mais um ano de existencia este nosso coléga feirense, que, sob a direcção do sr. J. Soares de Sá, bastantes serviços tem prestado á Republica sem, contudo, esquecer os interesses do concelho pelos quaes nunca deixou de pugnar com a maior das dedicações.

O *Correio da Feira* declara-se, no numero que temos presente, desligado de quaesquer compromissos partidarios para assim poder apreciar com imparcialidade os actos de quem superintende na administração politica e administrativa do concelho não deixando, todavía, de pugnar pelos principios que até esta data tem defendido.

Cumprimentâmos afectuosamente o presado confrade.

O TEMPO

Irregularissimo como decorre na presente estação, assim se explicam os enormes prejuizos, na agricultura, mórmente no Douro, cuja região foi assolada por medonha tempestade.

Nos nossos sitios tambem a chuva e o frio tem causado alguns estragos se bem que não sejam para comparar com os do norte onde as dificuldades da vida se acentuam duma maneira pavorosa.

O sr. ministro do fomento, que, em nome do govêrno, andou na semana finda visitando parte do Douro prometeu providenciar no sentido de atenuar quanto possivel a crise porque está passando.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Tentativa de suicidio

Na manhã de sabado quiz pôr termo á existencia disparando um tiro de revolver sobre o lado esquerdo do peito, o estudante Carlos Brito Queiroga, de 18 anos, filho do major Queiroga, comandante do terceiro batalhão de infanteria 28 aquartelado em Agueda.

O tresloucado, que era comensal da hospedaria Mourinho, foi logo transportado ao hospital, onde, apesar de gravidade do ferimento, ainda se encontra com vida, aguardando os medicos o momento de poder ser transportado para o Porto afim de lhe extraírem a bala.

Atribue-se o acto de desespero do estudante Queiroga a questões familiares, pois que, como aluno do liceu, havia concluido o quarto ano com boas classificações, devendo seguir para a casa paterna no dia da lugubre tragedia.

Excursões

—=(*)=—

A que se realisou no domingo a Coimbra foi grandiosa e entusiastica

Apesar da madrugada densamente brumosa que tão desagradavelmente impressionou os numerosos excursionistas e ainda da chuva miudinha, que, a intervalos, vinha caindo, carregando mais o quadro que nos dava a impressão de uma verdadeira manhã de inverno, á partida não faltava nenhum de quantos tinham resolvido visitar a Lusa Atenas tendo-se de vespera habilitado com o respectivo bilhete de transporte. Assim largou, á hora indicada, o comboio conduzindo 778 excursionistas, recebendo ainda mais alguns nas estações de Quintans e Mogofores.

A's 9 horas precisas chegava a numerosa excursão á estação nova onde era aguardada por grande quantidade de pessoas, musica, representantes de várias associações com os seus estandartes, alguns deles de subido valor e beleza, foguetes e morteiros. Trocadas as saudações e cumprimentos entre a comissão promotora e os membros das associações conimbricenses, pozse em marcha o numeroso cortejo para os Paços do Concelho tomando nele parte tres bandas de musica que, alternadamente, se faziam ouvir com geral agrado.

A impertinente e miudinha chuva de novo principiou a importunar, mas em compensação divisavam-se já no firmamento sinaes seguros de bom tempo, havendo ali e álem nesgas de céo azul, e essa esperança animava a olhos vistos tantos quantos desejavam, sem delongas, o brilho rutilante do sol, espancando o triste e pezado scenario que o mau tempo a todos oferecia.

Na câmara, onde se achavam formados os bombeiros municipaes, foram os excursionistas recebidos com a maior gentilêsa, usando da palavra o presidente do senado, sr. dr. Silvio Pélico para saudar neles a cidade de Aveiro. Historiando largamente a sua origem, assim como a de Coimbra, referiu os pontos de semelhança das duas cidades e da confraternisação que ha muito liga os seus habitantes. Coimbra, exclama o orador, teve Joaquim Antonio de Aguiar, Aveiro, José Estevam Coelho de Magalhães; Coimbra, teve a sua padroeira na Rainha Santa Isabel, Aveiro a sua Princeza Santa Joana; Coimbra tem o seu Mondego, Aveiro, o seu Vouga.

No vasto salão ecoa uma prolongada salva de palmas erguendo-se diversos vivas até que toma a palavra o nosso amigo e distinto conterraneo, dr. Joaquim de Melo Freitas, que num esplendido improviso agradece as amaveis referencias feitas á terra que o viu nascer e a tantos outros ali presentes. Referese largamente, com grande copia de variados conhecimentos, aos monumentos, episodios historicos, á arte e aos notaveis artistas que Coimbra tem produzido. Alude brilhantemente aos nomes de José Estevam e Mendes Leite e ás suas passagens, como estudantes, por Coimbra, elogiando tambem Antonio Augusto Gonçalves, Costa Mota e o sobrinho deste—tres artistas de destaque que tanto enaltecem e honram Coimbra.

Finda a magnifica oração de novo se erguem vivas correspondidos com entusiasmo, esfusiantes de alegria, tanto mais que a ameaça da chuva de todo desaparecera, caíndo sobre a cidade os benéficos raios solares, que davam uma nota viva de luz e calor a quantos se propunham deliciar, vendo a encantadora terra dos estudantes.

Pouco depois todos os logares aprazíveis de Coimbra, como Santo Antonio dos Olivaes, Penedo da Saudade, Portéla, Lapa dos Esteios, Santa Clara e ainda os museus, Universidade, valioso tesouro da Sé e tudo quanto Coimbra tem digno de admirar e vêr-se era visitado pelos excursionistas que tudo desejavam percorrer e observar.

Pena foi que o comercio estivésse absolutamente encerrado. E', sem duvida, um critério não só errado como profundamente prejudicial aos proprios interesses do comerciante que, francamente, nos custa acreditar que aceitase em geral, tão pernicioso modo de vêr.

A' partida, não obstante a hora adeantada da noute, uma enorme multidão invadia todo o vasto recinto da *gare*, estendendo-se até fóra das agulhas. Era dificil aos excursionistas poder chegar ás carruagens. A cérta altura entrou na estação uma banda de musica que acompanhava os representantes de todas as associações locaes empunhando balões venezianos. Um lindo *bouquet* de fogo seguido de centenares de foguetes, estrugem no ar e os vivas e as palmas repetem-se chegando ao rubro a intensa manifestação de simpatía, penhorante para todos os filhos desta terra, que por sua vez não arrefeciam nos entusiasticos vivas a Coimbra, aos seus dilectos habitantes, á Republica, á Patria, emfim.

Um verdadeiro delirio que só esfriou quando desapareceram na primeira curva da linha as carruagens do comboio, num crescendo de andamento que, afinal, de todo nos distanciou, penhorados pela bondade do generoso povo conimbricense.

A' 1 hora da manhã seguinte sustava o comboio a sua marcha rapida e segura e de novo aqui nos encontramos, procurando á pressa onde repousar o corpo da fadiga do passeio e o espirito das belas impressões colhidas durante o dia.

Aos iniciadores da excursão os nossos parabens, tanto mais que não ha a mais leve nota desagradavel a registar. Antes pelo contrario.

* * *

A segunda excursão deste ano está anunciada, como já dissémos, para o dia 19, a Vizeu, constando-nos que já estão vendidos bastantes bilhetes.

O sal em Hespanha

Noticias de Madrid expedidas em 5 dizem terem vários industriaes e comerciantes promovido um comicio, que se realisou no Teatro Hespanhol, para protestarem contra o imposto sobre o sal. Proferiram-se discursos violentissimos de ataque ao govêrno sendo por fim deliberado a entrega duma moção em que se anuncia uma campanha hostil ao imposto e aos monopolios que tanto prejudicam o comercio em geral.

Notas mundanas

Por ter sido colocado como secretário de Finanças em Reguengos de Monsaraz, partiu na quarta-feira para aquele concelho o distinto ilhavense, nosso amigo, sr. Eduardo Ançã.

A' gare da estação viéram despedir-se muitos dos seus conterraneos, que na vespera lhe ofereceram uma ceia como testemunho da maior simpatía a que lhe dá direito os excelentes dotes que exornam o caracter de Eduardo Ançã.

Com um abraço pela sua nomeação, aqui consignamos ao novo funcionario o desejo de que a felicidade o não desampare, consoante merece.

=Estivéram em Aveiro os srs. Clemente Nunes de Carvalho e Silva, de Eixo; Julio Alvarenga, Francisco Ferreira e dr. Abilio Marques, da Costa do Valado; Manuel de Souza Carneiro, de Agueda; dr. Roque Ferreira, de Fermentélos; Francisco de Almeida Eça, de Estarreja e Antonio de Brito, farmaceutico em Alquerubim.

=Com sua familia, encontra-se na Costa Nova, a veranear, o conego da Sé de Beja, sr. José Maria Ançã, natural de Ilhavo.

=Tambem ali fixaram residencia durante este mez e os proximos, até outubro, os srs. condes da Borralha.

=Segue ámanhã para o Rio Grande do Sul, o sr. Antonio de Oliveira Figueiredo, do Crasto, concelho de Agueda, que teve a gentilêsa de nos vir apresentar as suas despedidas. Muito bôa viagem.

=Está no Gerez o sr. José Simões da Silva.

=Vindo de Lisboa, chegou á sua casa de Esgueira o sr. Joaquim Mateus Farto, velho amigo e assinante deste jornal.

UMA Á PRETA..

—=(*)=—

O Povo de Fozcoa é um papelucho monarquico que serve de pia de despejo ás dejecções duma vara de... padres que o rabisca e que tem déstas frases pelas quaes se póde avaliar do misticismo e... crença dos redactores: *em S. Lourenço de Sande a junta de paroquia estrebucha como um bando de demonios lançados a uma pia de agua benta.*

Num dos ultimos numeros referindo-se um masmarro qualquer ao actual momento historico, dizia quanto á restauração da monarquia:

> «Parece-nos que é tarde, muito tarde para aplicar agora qualquer eficaz reconfortante ao combalido organismo nacional.
> Infelizmente, viria a ser caso justificativo de se dizer, em verdade, que o enfermo não morreu da doença, mas sim da cura.»

Ora vá, sim senhor, que falou désta vez com cabeça, seu Zé das hostias!

Marque lá uma á preta e está com sorte...

A cultual e o administrador de O. de Azemeis

III

Depois duma pausa tão longa parece que não devia voltar ao mesmo assunto, a não ser que a falta de argumentos impuzesse éssa condição de espera. Como, porém, as aparencias iludem muitas vézes, encobrindo momentaneamente a realidade, os argumentos não faltaram nem faltam, havendo reserva abundante, e aparecendo outros a cada passo. Além disso, o meu dever de republicano intimoume um dia com a sua austera autoridade a vir a campo, rasgando tira a tira a mascara revoltante dos que fazem do Ideal meio de subsistencia e do Amor-patrio gaméla farta para a engorda do seu parasitismo.

Obedeci com todo o prazer de um apostolo a essa intimação; heide ir até ao fim fazendo o meu depoimento acusatorio com a maxima tranquilidade de espirito e com a ardente fé de pôr á evidencia o negro e canceroso bestunto do arrangista-mór déstas regiões, que dá pelo nome de Fernão de Lencastre e que sem autoridade moral e sem competencia desempenha o logar de administrador do concelho. E hei-de ir até ao fim, porque não me intimidam ameaças nem me fazem oscilar no cumprimento do dever as infamias que sobre o meu caracter vomitam os que, sem o mais leve vestigio de dignidade e hombridade, me atacam na sombra, sorrindo e abraçando-me e aplaudindo-me quando, por infelicidade sua, recebem directamente da minha boca o castigo justo do seu vil procedimento.

Acho-os tão pequeninos a dentro da sua grande hipocrisia, que não sei bem algumas vezes como classifica-los: se de degenerados, se de productos teratologicos duma educação mesologica, que uma hereditariedade de longa linha ancestral enraizou nésta linda mas desgraçada *Londres do distrito*.

Apetece-me, neste necessario desfiar de verdades, dizer désta vila o que Alexandre Herculano disse algures a proposito da cidade de Lisboa, não poupando eu, por verdade ocasional, a moral do seu patrono: linda prostituta debochada.

E' esta a fotografia mais nitida que, com quatro traços, se póde fazer désta encantadora vila.

Ha, sim, homens honestos, verdadeiros cidadãos a viver portas a dentro dos seus muros, mas esses não me ferem com os seus olhares nem me fazem estremecer com as suas apreciações, porque os ólho de egual para egual.

* * *

As causas determinantes désta longa pausa foram, além dos meus deveres clinicos e de cidadão, a ingenua esperança do despertar duma consciencia e a espera do desmentido formal á afirmativa de que por todo o mez de junho se ía crear a conesia de comissario do govêrno junto da companhia do *Vale do Vouga* para presentear o incompetente administrador do concelho.

Nésta nunca acreditei, porque o meu desinteressado amor á Republica a repudiava. Naquéla tive a ingenuidade de acreditar, porque tinha a fraqueza de não admitir a possibilidade de um republicano dos tempos da oposição ser um traidor ao Ideal de que afirmava ser um devotado correligionario, a possibilidade de um republicano historico ter, em vez de uma alma, a negra sotaina dum frade.

Esperei. E infelizmente posso dizer hoje bem alto que tudo o que sob esta mesma epigrafe escrevi para este jornal é a expressão da verdade. O sr. administrador do concelho tudo faz para poder comer á custa dos cofres do país, á custa do contribuinte; mente; rasga algumas leis; fórja outras; despedaça, á mais fugidia aragem de perda governamental, os seus correligionarios de ontem para abraçar, na mesma sinceridade de intrujão arrangista, os que esperam subir as escadas do poder; odeia os competentes; tem a opinião da *rosa dos ventos* e é politico com a esperança, não de ajudar a salvar a nação, mas de comer sem trabalhar.

O facto ultimamente passado perante os cofres do municipio atestam-no, se é que ainda ha duvidas, sem receio de desmentido.

Quando o sr. de Lencastre, depois de tanto minar pelas secretarías do Estado, teve a esperança de ser nomeado para comissario do *Vale do Vouga*, logar que dizem não existir, pediu licença de trinta dias, indo desempenhar as funções de administrador do concelho o presidente da camara municipal, como consequencia do seu logar.

Era dentro desse praso que esperava vêr a sua nomeação de comissario no *Diario do Govêrno*. Se viésse a nomeação ía para o logar mais rendoso e abandonava a administração do concelho; se não viésse, como não veiu, voltava, máu grado seu, ás funções de administrador, contentando-se com tão pouco para quem tanto ambiciona. São os factos da vida pratica o livro das melhores lições...

Terminado que foi o praso da licença, não sei se acrescentado com mais algum dia, dirigiu-se o sr. administrador a um dos presidentes da câmara pedindo-lhe o ordenado do mez em que não foi administrador, mas banhista sem ser de praia. Esse presidente recusoulhe o pagamento do descanso, que nem sequer foi pedido por motivo de doença. Barafustou e ameaçou com o recurso, porque, e unicamente, lhe faziam falta esses vinte e cinco escudos!

Com que autoridade moral está um homem destes á frente da administração do concelho, aonde póde ir a perguntas outro, talvez um pobre sem poder trabalhar, com familia numerosa, que tentasse receber dinheiro por um trabalho que não fez?

E qual será o motivo porque o sr. Governador Civil conserva este administrador, de que já conhece qualidades suficientes para formar juizo seguro da sua incompetencia?

Processos que revoltam; compaixões que conspurcam a dignidade da Republica!

E' necessario e urgente que se faça a limpeza precisa, porque o meio mais eficaz de combater e destroçar os inimigos da Republica, que são os inimigos da Patria, é não permitir a pratica de actos deshonestos, imorais e ilegaes. Se a imoralidade campeia desenfreadamente de braço dado com a ilegalidade, os republicanos sincéros esmorecem, tornam-se descrentes, e os adversarios ganham coragem e de audacia em audacia vão até ás perturbações intestinas do país, aproximando-o do abismo aonde se despenha a independencia, aonde baqueia a nacionalidade.

* * *

O sr. Fernão de Lencastre, administrador do concelho por graça duma amizade e por obra duma desvirtuada convicção de defêsa republicana, não encontra nos seus amigos e defensores nenhum consciente, que duma maneira suave e delicada não confirme o que tenho vindo afirmando sobre este policorreligionario. Todas essas bocas declaram que eu sou aspero no ataque, confessando, contudo, que deve haver compaixão, misericordia para esse homem que precisa de ganhar a vida. Com estas frases, que o administrador do concelho agradece com palmadinhas no hombro, está a confirmação irrefutavel da verdade.

Essa compaixão, essa misericordia é sempre um acto de injustiça, porque vae ferir, em proveito dum só homem, os direitos duma grande colectividade. Afirma-o Herbert Spencer; confirmam-no os factos diários da vida positiva.

Mas ter misericordia por quem? Por aquele que, calcando a lei, avança sobre os direitos dos outros, extorquindo-lhe os seus recursos? Por aquele que, tendo por dever do seu cargo fazer cumprir as leis que os representantes do povo promulgaram, promete por sua honra não as cumprir nem fazer respeitar enquanto fôr administrador do concelho?

Sim; foi este o seu compromisso que revela bem a honestidade do magistrado administrativo, apezar de ser um compromisso falso no seu testemunho e no seu objectivo.

E' o caso da posse da cultual. Prometeu pela sua honra que essa associação não tomava pósse enquanto fosse administrador do concelho.

A lei diz que as cultuaes, depois de aprovados os seus estatutos e publicados no *Diario do Govêrno*, se reunem por direito proprio, não precisando, portanto, que o administrador do concelho lhe dê pósse.

A sua honra já foi esfacelada por ele proprio, quando, depois de ter afirmado que alguns sinatarios dos estatutos aprovados para a cultual tinham retirado a sua assinatura, disse publicamente que não sabia se a tinham retirado ou não. Mentiu e confessou pela sua propria boca a infamia déssa mentira.

Ha, pois, toda a razão para dizer que o testemunho e o objectivo desse compromisso são falsos.

Mas, supondo por instantes que não o eram, o administrador do concelho não podia tomar esse compromisso, porque o seu dever de magistrado é executar e não legislar. E' esta a nossa opinião e do jornal *O Mundo*, orgão do partido democratico, desse partido a que falsa e ganancíosamente aderiu o sr. Fernão de Lencastre.

Administrador do concelho e politico acusam quarenta. E' a mesma insensibilidade psiquica em tudo.

E' o mesmo porco chafurdando numa bem putrefacta estrumeira á procura da bolota graúda.

Lopes de Oliveira
(Medico)

LIVRO UTIL

Trouxe-nos o correio um *Guia ilustrado*, contendo instrucções e orçamento para excursões á Serra da Estrela e ao centro da Beira Alta, que o Grupo de Propaganda desses pontos maravilhosos, composto de rapazes amigos do seu país, acaba de editar com o fim exclusivamente patriotico de tornar conhecidas as belêsas daquela parte de Portugal.

Impresso em magnifico papel assetinado, contém o *Guia* a que nos referimos, a descrição de várias localidades da Beira, como Nélas, Mangualde, Vizeu, Gouveia e Ceia, sem falar nos pontos intermediarios, o que sem duvida constitue um bom auxilio para quantos se proponham visitar a Serra da Estrela segundo o itenerario que o Grupo de Propaganda indica e recomenda por ser o melhor e mais economico.

Agradecemos, reconhecidos, o exemplar com que fomos brindados e que já no proximo dia 19 nos deve servir se formos a Vizeu.

Comunicados

Ao dig.^mo Capitão do Porto Maritimo de Aveiro

Acho conveniente que V. Ex.ª ordene ao cabo de mar, que proceda desde já ás experiencias precisas para saber se todos os que se inculcam banheiros, aqui, sabem nadar.

Não basta só a matricula para qualquer homem ser banheiro. E' preciso mais que ele seja apto para livrar qualquer banhista que por imprudencia ou por ousadia, se aventure a ir ao largo e se veja envolvido pelas ondas do Oceano, em risco de perecer, se prontamente não fôr socorrido. Espero que V. Ex.ª se digne atender a este humanitario pedido, e proceda com urgencia á sua satisfação

Antonio Armando Lapa

Banheiro n.º 9078 da praia de Espinho

Carta de Africa

Beira, 15 de Junho

E' no proximo dia 14 de Julho que sái o primeiro numero do novo jornal *Patria*, orgão da Empresa de Propaganda e Fomento da Africa Oriental Portuguêsa.

— Ha dias realisou-se aqui o funeral do cidadão português, José Joaquim Xabregas, que era sub-director da repartição dos correios de Moçambique, e qual foi o nosso espanto ao vêrmos o feretro coberto com um simples pano preto, em substituição da bandeira portuguêsa!

Dirigiu o funeral, o director dos correios Francisco J. Alves, tambem conhecido por *Principe das Indias*. Este cavalheiro, que sempre tem vomitado os maiores insultos sobre a Republica Portuguêsa, aproveitando o ensejo para, junto do cadaver do colêga, fazer a apologia da monarquia da crapula e do roubo, é que proíbiu que sobre o ataúde fosse colocada a ban-

deira da nossa querida Patria, como aqui é costume fazer-se.

Tomando parte no préstito funebre a figura jesuitica e unica do governador Eduardo Marques, representante da soberania nacional, este podia muito bem evitar que nós, republicanos, sofressemos essa afronta, fazendo vêr ao celebre director dos correios, que tal acto representava uma provocação feita aos democratas aqui residentes.

Mas é possivel que o governador se sentisse satisfeito com todas estas fantochadas, porque via os seus adeptos, em publico, fazendo a propaganda dum regimen de que ele foi um sabujo serventuario.

Se de futuro tais factos se repetirem, nós estamos dispostos a ir ao encontro desses traidores, lançando-lhes com toda a hombridade o nosso repto.

C.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$00 o vagon.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
12	LUZ
19	RIBEIRO
26	ALLA

CORRESPONDENCIAS

Alfandega da Fé, Ferradosa, 1

(Recebida com atraso)

Devido ás chuvas que tem caído nestes ultimos dias, encontram-se bastante atrazadas em todo o concelho as segadas e alguns prejuisos ha a lamentar principalmente nos trigais ceifados.

=Está doente do olho esquerdo a sr.ª D. Lucinda Rodrigues irmã da nossa estimavel assinante sr.ª D. Zulmira Rodrigues, que ultimamente se tem queixado de ataques biliosos.

=Tambem as sr.as D. Camila e Guilhermina Rodrigues se queixam de uma impressão de mal estar inexplicavel, impressão que se desfará, crêmos, ao primeiro apito de partida que o comboio solte quando as suas ex.as se ponham a caminho do Porto para onde tencionam ir passar uma temporada.

Fazemos sinceros votos porque assim suceda.

=De passagem para Castro Vicente está entre nós a sr.ª D. Izolina Rodrigues, prima daquélas sr.as, a quem desejâmos bôa viagem.

=Tem estado entre nós o nosso estimavel assinante da Cardanha, sr. Antonio dos Santos Branco.

=Em Carviçais ardeu uma corriça de gado caprino perecendo 100 cabeças nas chamas. O fogo foi devido a uma faisca eletrica.

=Parte hoje para Lisboa o sr. Adolfo Rodrigues.

=Casou lá para as bandas de Carviçais a sr.ª D. Queiroz, célebre talassa, muito conhecida nestes sitios pelas suas virtudes... de sacristia. Adora a Republica por lhe ter dado um homem... doutra.

Que santinha!...

Pitogaio

Palhaça, 8

Um negocio de compadres

A junta de paroquia civil desta freguezia tem andado em palpos de aranha para legalisar a escrituração que diz respeito a este negocio. Não tendo tomado as precisas deliberações para o efectuar, tem-se visto em calças pardas mas sempre provará com documentos o cumprimento dos seus deveres, bem como a legalidade do negocio. O diabo é a trapalhada que por aí vai e que no tribunal será averiguada. A junta fez bem em procurar salvar-se; mas fe-lo com muita infelicidade como quasi sempre acontece a todas as pessoas que querem o bem depois de terem praticado o mal. A junta não terá salvação possivel, embora tenha, como dizem os seus adéptos, gente para muito mais. A falsidade dos documentos que ora apresenta será provada no tribunal, não só pelo dizer das testemunhas mas tambem pela contradição em que a junta caiu agora com as certidões que passou.

Para se conhecer a falsidade de quanto a junta agora apresenta escrito a respeito deste negocio, basta olhar para as certidões que foram passadas antes de encontrarem nos livros da paroquia e o que nelas se lê.

Tambem agora aparece a certidão da afixação do edital, que nunca existiu, a convidar o povo para deliberar sobre a quantidade do terreno que devia comprar-se. Mas aparece de tal fórma redigida que preciso se torna que o ex.mo Juiz Auditor e representante do M. P. olhem atentamente para ele e a confrontem com a demais escrituração da junta.

Em toda ela quer no tempo em que o presidente de hoje era secretario, como atualmente, encontram V. Ex.as uma redacção verdadeiramente desalinhada, pelo que se conclue que, se edital houvésse para aquele fim, a redacção havia de ser péssima como péssima é a de toda a escrituração feita por conta e ordem do atual presidente. Mas ha mais, Ex.mos Srs.: além da fraca redacção ha a troca de letras no emprego das palavras, o que póde vêr-se em toda a escrita. E não só isto é motivo suficiente para anular o negocio de compadres e castigar a junta. Ha tambem o certificado infiel que prova os arranjos tratados depois de realisado o negocio, o que é bastante grâve para o secretario, de quem não rezam muito bem as falsificações... De fórma que tudo isto tem de ser apurado pése ou não a estes ou áqueles. Tambem aí corre que alguns documentos, tais como o referendum e auto da compra foram assinados ha poucos dias em casa do presidente da junta, e todavia esses documentos trazem a data de um de Março do corrente ano. Tudo isto parece condizer com as viagens do presidente e do secretario a Aveiro trazendo e levando livros para equilibrar as deliberações e, portanto, a legalidade do negocio.

Mas estas minhas considerações sobre os arranjos da junta hão de trazer-lhe embaraços que não se atreverá a desenvencilhar deante daqueles que, além de lhes conhecerem as manhas, hão de conhecer a falsidade das deliberações tomadas para efectuar a compra do terreno por uma maneira tão incorreta que até parece a muito bôa gente que dinheiro foi adeantado para o por deante tal negocio. E para convencer essa bôa gente, basta aquela patacoada do vendedor que disse, segundo corre, *que arrependido está não ter levado mais dinheiro pela terra porque os louvados lhe dariam quanto quizésse ou pelo menos mais uns cobres acima do que recebeu.*

Reparem para tudo isto os ex.mos Juiz Auditor e o ilustre agente do M. P.

C.

Alquerubim, 6

Chega hoje de Lisboa o sr. Manuel Pereira Martins, da Fontinha.

= O *mildiu* tem feito bastantes estragos em algumas vinhas, havendo lavradores que já sulfataram 4 e 5 vezes.

Os milhos do campo sofreram muito com os frios e chuva. Ha terras que não dão nada. Os milhos temporãos estão soberbos, mas precisavam agora de muito calor.

Continuam as frias nortadas que muito prejudicam este para completa desgraça dos lavradores.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 1

Desprendidos de qualquer má vontade que pudésse existir entre nós, o sr. padre Tavares e administrador do concelho, pois de ambos somos amigos, queremos no entanto acentuar que isso nos não impéde de, em criticas ligeiras, nos referirmos a alguns dos seus actos que reputamos pouco harmonicos com a defêsa da Republica.

Assim, o sr. Armando Castéla não evita calcar a lei da Separação, desmentindo o seu passado. Com franquesa que ao tomar conta da administração o supozémos mais intransigente, mais cumpridor dos deveres do seu cargo. Enganámo-nos, porém. Saíu-nos benevolo de mais, o sr. Castéla. Se não um demolidor das leis estabelecidas por esse grande estadista, honra da nossa Patria, e que se chama Afonso Costa. E por isso melhor sería, talvez, que se retirasse da administração; que fosse para casa; que se deixasse de mais cavalarias visto não querer dar cumprimento aos sagrados deveres do seu cargo. Com magua dizemos estas amargas verdades, que se refletem na Republica que tem tão máus servidores.

Estamos fartos, sr. Castéla, estamos fartos. Não nos basta sermos odiados por esses rafeiros monarquicos que aí pululam, se não ainda vermo-nos amesquinhados por sua ex.ª que não sabe ou não quer cumprir as leis do país. E' apertar demais. Parece até que o sr. Castéla anda na lua, pois já se não lembra que assim como tivémos coragem para formar um batalhão de voluntarios disposto a marchar para a fronteira a combater pela Republica, ainda hoje lhe podemos mostrar que somos os mesmos *rapazes de Ois*, como o dr. Eugenio Ribeiro nos chamava, decérto para nos distinguir e elevar.

Temos saudades desse tempo em que, juntos, defendiamos o mesmo crédo e nos sacrificávamos pelo mesmo ideal.

Sentimos devéras o que se tem passado nesta freguezia entre republicanos e monarquicos tanto mais que o sr. Castéla se tem colocado ao lado destes desprezando aqueles. Não lho mereciam, sr. Castéla. Porque além do resto essa gente é capitaneada pelo padre Tavares, o celebre reaccionario do *complot* de Oiã, no qual desempenhon aquele repugnante papel que nós sabemos.

Penitenceie-se, sr. Castéla, penitenceie-se e vá para casa.

C.

Idem, 6

Efectuou-se ontem pelas 21 horas no Centro Republicano desta freguezia uma reunião, que foi bastante concorrida e animada. Presidiu o cidadão Jacinto Bernardo Henriques, que é um dos mais honrados caracteres destes sitios. Por ele foi anunciada a adesão do nosso amigo sr. Silverio Tavares Pinheiro ao Partido Republicano Português o que constitue para todos os patriotas motivo de orgulho atentas as qualidades do novo correligionario, considerado desde já um elemento valioso que muito hade influir para o desenvolvimento do nosso partido.

Tratou-se além disso de nomear uma comissão para elaborar o programa dos festejos a realisar por ocasião do 3.º aniversario do Centro e que bréve devem ter logar com a cooperação de todos os nossos correligionarios.

= Esteve ontem entre nós o sr. Amadeu Soares, guarda livros da Companhia Electrica de Ovar e velho republicano.

= Realisou-se hoje na egreja desta freguezia uma missa de sufragio pelo eterno descanço do inolvidavel sr. Manuel Mauricio, falecido ha um ano.

O acto religioso foi bastante concorrido, vendo-se, além da viuva e seus filhos, os srs. Jaime Marques, guarda livros em Aveiro e Alberto Marques, proprietario em Cabanões, muitas pessoas nele representadas, que eram da intimidade do finado, um excelente chefe de familia e homem de bem ás direitas.

No final da missa foi distribuida esmola aos pobres que assistiram.

= A tratar de assuntos que muito devem interessar á Republica e ao sr. Mendes da Paz, de Agueda, estivéram cá os srs. Antonio Leite, João Ribeiro, Manuel M. da Paz, Alvaro Vidal e Antonio Nunes de Souza.

Oxalá sejam felizes na emprêsa a que se abalançaram...

C.

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 4

Aparecem por aqui diariamente alguns jornaes reaccionarios que com certêsa envenenam os cerebros dos seus leitores. Essa miscelania jornalesca não nos espanta nem a sua celeuma nos admira. E não admira por que, sendo o regimen de liberdade e tolerancia, a época de combate e a ocasião propicia a loucas tentativas, de estranhar seria que os inimigos do progresso e da luz de outra fórma procedessem. O que me faz vomitar de nôjo é a linguagem pôdre que ardilmente arquitetam para conseguir torpemente desvirtuar o ideal republicano que um povo, um punhado de bravos libertou do jugo dos Braganças e da asquerosa tutéla jesuitica que nos dominava assim como a esse rei fraco e ensandecido. Esses vendilhões da patria não se lembram que nos iam atirando para um precipicio com a sua péssima e escandalosa administração, que apenas devido a isso querem á viva força, com as suas leituras, vêr se conseguem fazer-nos ingerir um vomitorio de que não gostamos.

O que me irrita mais é a linguagem vil que adoptam para conseguir os seus abominaveis fins, enervando-me tambem o descaramento inaudito como depreciam pelo ridiculo o valor duma republica cheia de caridade e amor e os actos honestissimos dos seus mais eminentes homens e principalmente esse grande estadista Afonso Costa. Eles não pódem sustentar comnosco uma luta séria, uma campanha leal, por a razão e a força estar do nosso lado; eles muito embora não disponham dos melhores meios hão de chegar a todas as cobardias e descer até ás ultimas ignominias para conseguir, embora improficuamente, os seus negregados desejos; mas o que se não deve tolerar é que prosigam tão desenfreadamente no caminho arrepiado que vão tomando, caluniando, e impingindo leitura para envenenar o cerebro dos inconscientes.

= Respeitante á reunião jesuitica efectuada em Ossela, o regedor diz ignorar, não saber de nada. Mas o que dirá a juntinha da paroquia?... Ha tambem quem diga que tal ajuntamento jesuitico foi para festejar os anos do sr. abade, mas nessa não acredito eu... Dariam vivas a D. Manuel e a D. João III por este ter conseguido de Clemente VII a inquisição?...

A'lérta sempre contra os inimigos da Patria e da Republica.

C.

Anuncios

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 19 de Julho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, nos autos de execução hipotecaria em que é exequente Francisco Maria dos Santos Freire, solteiro, e executados Leonardo da Cruz Bento e mulher Maria Joana da Cruz, todos de Aveiro, vão á praça para serem arrematados por quem mais oferecer acima da respectiva avaliação, os seguintes predios pertencentes e penhorados aos executados:

UM ARMAZEM

de pedra e cal e todas as suas pertenças, sito no Caes das Falcoeiras, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro á Câmara Municipal de Aveiro, anualmente de 2$50, no valor de 850$00

UM ARMAZEM

de pedra e cal com suas pertanças, sito no Rocio, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro á Câmara Municipal de Aveiro, anualmente de 1$35, no valor de 323$00

UM ASSENTO

de casas com parte de casas terreas e parte com casas altas, assobradadas, com quintal e mais pertenças, sito na rua dos Arraes, Bairro de João Afonso, freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, foreiro anualmente á Câmara Municipal de Aveiro, de 3$71(5, no valor de 1:925$70

As despezas da praça são pagas pelo arrematante, e a contribuição de registo por titulo onerozo será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos, sob pena de revelía.

Aveiro, 25 de junho de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

Teatro Aveirenre

Não tendo sido possivel realisar-se em 5 do corrente a discussão e votação de todos os assuntos a que se refere a convocatoria desta presidencia, datada de 1 de junho ultimo, e tendo a Assembleia Geral deliberado proseguir na ordem dos trabalhos no dia 12 do corrente, comunico-vos que a dita reunião se efectuará no citado dia 12, por 20 horas no edificio do Teatro.

Aveiro, 6 de Julho de 1913.

O Presidente da Assembleia Geral

André dos Reis

Sociedade das Aguas da Curia

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Capital social 200:000$00

Capital emitido 100:000$00

O Conselho de Administração désta Sociedade em cumprimento da deliberação da Assembleia Geral de 29 de Março de 1914, anuncia que desde 1 de Agosto proximo futuro em deante se acha em pagamento o dividendo relativo ao ano de 1913, das acções pagas até 31 de Dezembro de 1912.

Previne tambem os subscritores da ultima emissão para fazerem a troca dos recibos provisorios pelos titulos definitivos na Curía, séde da Sociedade.

Curía, 1 de Julho de 1914.

O Director Gerente,

Manuel Luiz Ferreira Tavares